



A CONSTITUIÇÃO E DISSOLUÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO

Marilene Marzari¹

RESUMO - Este estudo, de cunho bibliográfico, busca, principalmente nas obras de Freud, compreender a constituição e as implicações do Complexo de Édipo e de castração na formação e no desenvolvimento da sexualidade infantil. Para isso, é importante discorrer, mesmo que de forma bastante sintética, a respeito da formação do aparelho psíquico e das fases oral e anal que antecedem a fase fálica, na qual se dá todo processo do Complexo de Édipo e, também o de castração.

PALAVRAS-CHAVE - Sexualidade infantil. Complexo de Édipo. Complexo de castração.

THE CONSTITUTION AND DISSOLUTION OF THE ÉDIPO COMPLEX

ABSTRACT - This study, of bibliographical matrix, it searches, mainly in the workmanships of Freud, to understand the constitution and the implications of the Complex of Édipo and castration in the formation and the development of the infantile sexuality. For this, it is important to discourse exactly, that of sufficiently synthetic form, regarding the formation of the psychic device and the phases verbal and anal that precede the falica phase, in which if of the all process of the Complex of Édipo and, also of castration.

KEYWORDS - Infantile. Complex sexuality of Édipo. Complex of castration.

O Complexo de Édipo foi inspirado no tema da trajetória de Sófocles, Rei Édipo. Refere-se a lenda do antigo ‘Rei de Tebas’ que matou seu pai ‘Laio’ e casou-se com a mãe ‘Jocasta’. Quando soube que havia esposado a própria mãe e, com ela, tido filhos, cegou-se como forma de punição.

¹Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO. Docente no Curso de Pedagogia das Faculdades Cathedral e professora formadora no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica – CEFAPRO/MT - e-mail: marilenenarzari@uol.com.br



Nesse sentido, o objetivo deste estudo é compreender a constituição e as implicações do Complexo de Édipo na formação da sexualidade infantil, especificamente durante a fase fálica que acontece entre os três e cinco anos de idade.

Para dissertar a respeito do Complexo de Édipo é de fundamental importância partir da formação do Aparelho Psíquico, formado pelo Id - regido pelo princípio do prazer, isto é, que busca o prazer e evita a dor, na medida em que estas sensações são definidas pela própria natureza do organismo; pelo Ego - governado pelo princípio da realidade, ou seja, busca encontrar objetos que possam satisfazer ao desejo do Id, mas sem transgredir as exigências do Superego; pelo Superego – gradualmente formado no Ego, isto é, vai se constituindo a partir da herança sociocultural recebida do mundo externo como as regras, as normas, os princípios morais que vão sendo incorporadas na estrutura psíquica de cada indivíduo.

Assim, o aparelho psíquico é formado basicamente pelo consciente (Ego) e inconsciente (Id, Superego), mas é no centro do Id que, segundo Freud, se desenvolve o Complexo de Édipo, isto é, o desejo incestuoso do menino pela mãe e uma rivalidade para com o pai ou da menina para com o pai e tendo como rival a mãe.

Antes de aprofundar o tema “Complexo de Édipo”, procuramos entender que, segundo Freud (1987), a criança passa pelas fases, oral e anal, que compõem o aparelho sexual, até constituir-se na fase fálica com o aparecimento do Complexo de Édipo. Este marca o apego da criança àquele dos pais que é do sexo oposto ao dela e sua hostilidade para com o do mesmo sexo. Esses “acontecimentos sobrevividos durante esses primeiros anos de vida são surpreendidos por um esquecimento que Freud chama amnésia infantil”. (NASIO, 1999, p. 60)

É importante registrar que diferente do que muitas pessoas pensavam, ao longo da História, o instinto sexual está presente desde a infância e não somente a partir do período descrito como puberdade. Reconhecer isso ajuda conhecer o curso do desenvolvimento e a maneira pela qual ele se consolida a partir de várias fontes.

Assim, parece que Freud (1972) não tinha dúvidas de que os germes dos impulsos sexuais já estavam presentes no recém-nascido e que se desenvolviam durante algum tempo, no qual desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Depois passa a ser dominado por um processo de supressão que, em determinado período, é interrompido por avanços periódicos no desenvolvimento sexual.



Como parece ser incerta a regularidade e periodicidade deste curso oscilante de desenvolvimento, o mais provável é que o Complexo de Édipo surja na vida sexual da criança por volta do terceiro ou quarto ano de vida, na fase fálica.

Após esse período a criança entra na fase da latência que, segundo Freud (1972), se constrói as forças psíquicas que irão, mais tarde, impedir o curso do instinto sexual e, como barreira, restringir seu fluxo por meio dos sentimentos de vergonha e das exigências dos ideais estéticos e morais. “Tem-se das crianças civilizadas uma impressão de que a construção dessas barreiras é um processo da educação e sem dúvida a educação muito tem a ver com ela. Mas, na realidade, este desenvolvimento é organicamente determinado e fixado pela hereditariedade, e pode ocasionalmente ocorrer sem qualquer auxílio da educação” (Freud, 1972, 181).

Nesse caso, a educação estaria limitada a seguir as linhas que previamente foram traçadas organicamente.

A intenção desse estudo não é aprofundar, mas localizar o leitor para compreender em que fase e quando o Complexo de Édipo se manifesta e se desenvolve na vida dos indivíduos. Para isso, faremos uma breve descrição das fases anteriores à fase fálica no qual se manifesta o Complexo de Édipo e de castração.

A fase oral – o desejo e o prazer localizam-se primordialmente na boca e a libido está intimamente associada ao processo de alimentação. Para D’Andrea (1991) a alimentação não deve ser entendida somente como incorporação de material nutritivo, mas também o contato e o calor humano provido, principalmente da figura materna.

O prazer de exercer uma sucção sobre um objeto que se tem ou leva à boca e que abriga a cavidade bucal a se contrair e relaxar sucessivamente faz com que o bebê sinta prazer – qualificado de sexual.

A fase anal – neste período a satisfação anal ocupa uma posição de destaque. “O orifício anal é a zona erógena dominante, e as fezes constituem o objeto real que materializa o objeto fantasiado das pulsões anais” (NASIO, 1999, p. 62). Esse processo de reter e/ou eliminar as “fezes” é provocado por uma excitação sexual da mucosa anal que se contrai para reter e se delata para evacuar. Nessa fase: “A criança passa, aos poucos, de uma posição predominantemente passiva e receptiva para uma posição predominantemente ativa. Sua habilidade muscular aumenta, aprende a engatinhar, a ficar de pé sem apoio, a andar e a falar.



(D'ANDREA, 1991, p. 47). Nessa fase, o interesse da criança pelo mundo que a rodeia aumenta e este lhe faz exigências de acordo com as normas socioculturais em que vive.

A fase fálica – o termo fálico, relativo ao pênis, provém do fato da libido estar ligada aos órgãos genitais, principalmente ao pênis, no caso dos meninos, ou ao clitóris para as meninas e nas partes do corpo que excitam tais órgãos. Nessa fase há um aumento do “seu interesse pelo próprio corpo, principalmente pelos genitais, o que se manifesta pela masturbação, pelo exibicionismo e pela tendência ao maior contato físico com o sexo oposto”. (D'ANDREA', 1999, p. 59)

Aqui, o prazer sexual resulta das carícias masturbatórias dos órgãos genitais que podem ser relacionados com os movimentos alternados de sucção, no prazer oral, e os da retenção/expulsão, no prazer anal.

No início dessa fase é como se houvesse, tanto para meninos quanto para meninas, apenas um órgão genital, o masculino. Assim, as relações interpessoais da criança caracterizam-se pela relação de um objeto sexual bem definido. Os impulsos eróticos são acompanhados de fantasias relativas ao objeto, as quais se associam à masturbação, o que estimula o surgimento do conflito, sem que este tenha uma causa externa.

O conflito sexual está ligado ao fenômeno conhecido como o Complexo de Édipo que se encontra no aparelho psíquico, mais especificamente no inconsciente. Assim, “Os conhecimentos a respeito deste fenômeno surgiram das observações de Freud que descobriu nas manifestações inconscientes de seus pacientes neuróticos frequentes fantasias de incesto com o progenitor do sexo oposto, associadas ao ciúme e a impulsos homicidas contra o progenitor do mesmo sexo”. (D'ANDREA, 1999, p. 61)

Esses estudos possibilitaram, a Freud, compreender melhor como acontece a formação da sexualidade nos primeiros anos do desenvolvimento do ser humano. A descoberta do Complexo de Édipo ajuda entender todo um conjunto de reações que acontece na construção da sexualidade infantil.

O Complexo de Édipo designa o conjunto das relações que a criança estabelece com as figuras parentais e eu constituem uma rede em grande parte inconsciente de representações e de afetos entre os dois pólos de suas formas positivas e negativas [...] Freud afirmou a universalidade dos desejos edipianos através da diversidade das culturas e dos tempos históricos [...] [Édipo] momento decisivo em que culmina a sexualidade infantil e em que se decide o futuro da sexualidade e da personalidade



adultas. O Édipo torna-se então a estrutura que organiza o devir humano em torno da diferença dos sexos e da diferença das gerações. [...] Freud o articula com o complexo de castração: este, ao provocar a interiorização da interdição oposta aos dois desejos edipianos [incesto materno e assassinato do pai], abre o acesso à cultura pela submissão e a identificação com o pai portador da lei que regula o jogo do desejo. [...] o Complexo de Édipo aparece como o próprio princípio da civilização, ou, como se diz hoje, da cultura. (KAUFMANN, 1996, p. 135-136)

Os estudos de Freud mostram que a existência de desejos incestuosos na infância e os conflitos que dão origem são universais, embora apareçam de forma diferente, isto é, dependem de cada cultura – responsável, também, pela formação do superego.

Freud diz que o menino “durante a fase fálica do desenvolvimento libidinal, ama sexualmente sua mãe, e por isso quer eliminar o pai, rival, que impede sua trajetória incestuosa em direção a ela”. (FREUD *Apud* BARONE, 1993, p. 39)

Nesse sentido, o pai aparece como um estorvo que, de certa forma, precisa ser eliminado para que ele possa realizar seus desejos com a mãe. É comum o menino querer dormir com a mãe, vê-la vestir-se, ser acariciado entre outros. O investimento só não é maior porque existe o medo da castração que faz a criança abandonar seu investimento libidinal em direção a mãe.

Na menina, as relações objetais edipianas são um pouco mais complexas, pois ela tem como primeiro amor alguém do mesmo sexo – a mãe- e terá que trocar o sexo de seu objeto de amor para ir ao encontro de outro objeto amoroso, no caso, o pai. Este afastamento vincular com a mãe, que vem desde o nascimento, precisa ser rompido para ser substituído pelo amor de um homem, no caso o pai que passa a ser seu objeto de desejo.

Tentar negar esse processo é ignorar uma realidade presente em todo ser humano durante a fase denominada por Freud de fálica. Nessa fase é comum observar o menino dizer que vai se casar com a mãe ou que é seu marido ou a menina dizer que é a namorada do pai.

Assim, mesmo que os impulsos da criança, para com os pais, tenham um aspecto erótico são diferentes dos impulsos sexuais praticados pelos adultos. Por isso, é importante preservar a criança do contato com adultos quando estes estão participando de conversa de adultos e/ou tendo relações sexuais, uma vez que isso pode causar traumas, angústia, frustrações e interpretações distorcidas por parte da criança que ainda não compreende e domina o assunto. Esses podem ser facilmente distorcidos e considerados como verdadeiros. Exemplo disso é quando a criança está sob a angústia da castração e vê a roupa íntima da mãe



manchada de sangue, pode interpretar como a consequência de uma ferida ou mutilação que a mãe sofreu.

Esse processo nem sempre é compreendido pelos pais e/ou irmãos mais velhos que não entendem o difícil conflito emocional pelo qual as crianças estão passando e precisam de apoio para se adaptar á realidade. Assim, em casos normais, a criança, para evitar a perda de amor, acaba se identificando² com o progenitor do mesmo sexo, encontrando nele o objeto ideal a ser emitido. Quando o Complexo de Édipo deixa de ser resolvido satisfatoriamente acaba trazendo dificuldades no relacionamento amoroso e colaborando na formação de neuroses. Nesse contexto, quando o Ego não conseguir provocar mais do que um recalçamento do complexo este permanece no Id em estado inconsciente, mais tarde poderá manifestar a sua ação patogênica.

Para melhor compreender esse fenômeno – dissolução do Complexo de Édipo - é preciso distinguir duas etapas relacionadas a fase fálica, relacionando-as ao complexo de castração junto com o Complexo de Édipo.

Inicialmente a criança constrói uma teoria sexual pela qual só existe um sexo, isto é, o masculino. A criança acredita que todos os seres humanos são portadores de um órgão – o pênis – que surge como falo, isto é, como objeto imaginário e não como realidade. Nesse sentido, para o menino o falo corresponde ao pênis e para a menina a sua falta não é notada.

Assim, na primeira etapa da fase fálica “o falo está presente em todos os indivíduos de forma que a falta do pênis na menina não é notado. O falo passa a ser, na leitura que Lacan faz de Freud, o significante da falta, isto é: algo que representa a presença de uma coisa enquanto ausente”. (BARONE, 1994, p. 76)

Na segunda etapa a criança descobre que as mulheres não têm pênis e isso não é percebido como a diferença entre os sexos, mas pode levar a criança a pensar que o pênis pode ser perdido. Assim, o menino associa esta possibilidade ao Complexo de Édipo, uma vez que:

ele ama apaixonadamente a mãe e a deseja sexualmente. Quer livrar-se do pai que lhe barra este caminho. Quer por isso assassiná-lo e castrá-lo. Como consequência, teme a vingança retaliatória do pai. É este medo de vingança

² . Para a psicanálise freudiana a identificação nada mais é do que um processo de transformação que acontece no interior do aparelho psíquico, fora do espaço habitual e imperceptível diretamente de nossos sentidos (NASIO, 1989). Assim, a criança, inconscientemente, se constitui introjetando características psíquicas do outro – pai/mãe – pelo qual tem como modelo de ser humano.



do pai, terrível e vingador, que leva a criança a desistir de seus intentos incestuosos em direção a mãe (BARONE, 1993, p. 41-42).

O medo de perder o pênis, objeto fálico, precioso e necessário a sua completude narcísica, faz com que a criança assuma sua identidade sexual influenciada pela cultura, isto é, pela internalização das leis e proibições que a regem.

A castração é uma experiência inconsciente e se apóia na percepção anatômica entre os sexos. Passar por essa experiência é angustiante, pois até então a criança se sentia onipotente, completa, o amor da mãe, seu falo, ou seja, aquilo que a completa.

O medo de castração, uma vez que para o menino a mulher é castrada por não ter o pênis, gera um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte do corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, o ego da criança volta as costas ao Complexo de Édipo. Esse afastamento possibilita, segundo os estudos de Freud (1976), que as catexias de objeto sejam abandonadas e substituídas no ego, no qual se forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal.

Em relação à menina, o Complexo de Édipo também se faz presente e é introduzido pelo complexo da castração, isto é, pela inveja do pênis que leva a menina a afastar-se de seu primeiro objeto de amor fálico, a mãe. Em relação ao Complexo de Édipo Freud diz que: “nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração”. (FREUD, 1969, p. 318)

Isso se dá pelo fato da menina descobrir que não tem o pênis, pois ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo. Com isso, ela desenvolve um sentimento de inferioridade em relação ao menino. Isso pode levar a menina a ter um afastamento vincular com a mãe, uma vez que esta passa a ser responsabilizada pela falta do pênis. Por isso Freud diz que: “Nas meninas, o Complexo de Édipo é uma formação secundária. As operações do complexo de castração o procedem e preparam”. (FREUD, 1969, p. 318). Assim, para Freud o Complexo de Édipo, no menino, é destruído pelo complexo de castração e, nas meninas, ele se faz possível e é introduzido por meio do complexo de castração.

Na menina, o descobrimento do pênis a leva considerar-se, em comparação ao clitóris, injustamente mutilada e a desenvolver inveja ao sexo masculino. Por isso, tende a julgar a mãe por ter sido a causadora de seu defeito físico e sua relação fica mais abalada.



Nessa perspectiva, o pai passa a ser visto como aquele que vai restituir o pênis que ela não têm, o que é depois substituído pelo desejo de ter um filho, do pai. Nesse sentido,

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. (FREUD, 1976, p. 158 – 159)

Esse desejo de ter um filho do pai está relacionado com o desejo de ter um pênis. Com o processo de transferência para o pai do desejo de um pênis, a menina inicia a situação do Complexo de Édipo.

Neste contexto, Freud diz que: “A menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega a ocasião em que tem de sofrer da parte dele uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo”. (FREUD, 1976, p. 217)

O fato de a menina reconhecer sua castração e a superioridade masculina, em detrimento de sua inferioridade, acaba se rebelando com esse estado de coisa indesejável. Segundo Freud (1974) essa atitude causa três linhas de desenvolvimento:

Na primeira, a menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos.

A segunda prende-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião e à fantasia de ser um homem. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem. Esse ‘complexo de masculinidade’ pode resultar em uma escolha de objeto homossexual manifesta. Se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, ela atingirá a atitude feminina normal em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do Complexo de Édipo. Assim,

nas mulheres, o Complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destrutivo, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher. (FREUD, 1974, p. 238)



Para as mulheres as conseqüências culturais para dissolução do Complexo de Édipo são menores e menos importantes, uma vez que elas não desenvolvem os mesmos padrões qualitativos do superego dos homens.

Para Freud “a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de fase pré-edipiana, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens”. (FREUD, 1974, p. 238)

Os estudos de Freud possibilitam entender por que muitas mulheres escolhem seus maridos conforme o modelo do pai, ou o colocam no lugar do pai e quando não repetem com ele, em sua vida conjugal, os relacionamentos conflituosos com as mães.

O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe. Isso é facilmente explicado como um caso óbvio de regressão. O relacionamento dela com a mãe foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele; agora, no casamento, o relacionamento original emerge da repressão, pois o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado de mulher jaz na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações objetais afetivas. (FREUD, 1974, p. 239)

Assim, muitas mulheres passam anos em uma luta travada com seus maridos, tal como fizeram na infância com suas mães. Essa atitude hostil não é conseqüência da rivalidade implícita no Complexo de Édipo, mas se origina da fase precedente, sendo agora somente reforçada e explorada na situação edipiana. Nesse contexto,

o Complexo de Édipo deve ruir porque chegou a hora para sua desintegração, tal como os dentes de leite caem quando os permanentes começam a crescer. Embora a maioria dos seres humanos passe pelo Complexo de Édipo como uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade e que está fadado a findar de acordo com o programa, ao instalar-se a fase seguinte preordenada de desenvolvimento. (FREUD, 1976, p. 218)

Percebemos, com isso, que para Freud todos os seres humanos passam, com mais ou menos intensidade, pelo Complexo de Édipo. Às vezes, o desconhecimento da teoria faz com que não se compreenda determinadas ações e reações das crianças. Entender que o Complexo de Édipo nada mais é do que:



uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade e que está fatalmente destinado a terminar de acordo com o programa, ao instalar-se a fase seguinte pré-ordenada de desenvolvimento. (NAGERA, 1969, p. 83 – 84)

Essas experiências vivenciadas pelas meninas e pelos meninos fazem com que aconteça a desistência de seu objeto de desejo – pai e mãe – e o Complexo de Édipo se encaminha para a destruição pela falta de sucesso e pelos efeitos de sua impossibilidade interna.

No decorrer do estudo, percebemos que existem diferenças, provavelmente transitórias, entre os dois sexos, em relação ao Complexo de Édipo e ao complexo de castração.

No menino, o Complexo de Édipo, no qual ele deseja a mãe e pensa em se livrar do pai – seu rival – é eliminado pelo medo da castração, isto é, de perder o que tem de mais valioso – o pênis. Isso faz com que o Complexo de Édipo seja abandonado, reprimido e, na maioria das vezes, inteiramente destruído na medida em que um severo superego se instala como seu herdeiro.

Na menina, o processo é diferente, uma vez que é o complexo de castração que a prepara para o Complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe por meio da influência de sua inveja do pênis e entre na situação edípiana. Como nas meninas existe a ausência do temor da castração – não tem pênis para perdê-lo – permanecem no Complexo de Édipo por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, mesmo assim, de modo incompleto. Neste contexto, a formação do superego não consegue atingir a intensidade e a independência que lhe confere a importância cultural.

Em síntese, o Complexo de Édipo pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão ou seus efeitos podem persistir com forte ênfase na vida mental normal das mulheres. Segundo Freud (1969) o nível daquilo que é eticamente moral, nas mulheres é diferente do que ele é nos homens. O superego das mulheres nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como se exige que seja nos homens. Isso tem feito com que os homens se vejam como superiores às mulheres.

Portanto, as tendências libidinais pertencentes ao Complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Com isso, o menino, por um lado, preservou o órgão genital – pelo temor



da castração – e, por outro, paralisou-o, isto é, removeu sua função. Esse processo introduz o período da latência, na qual as pulsões sexuais são inibidas.

BIBLIOGRAFIA

BARONE, Leda Maria Codeço. Algumas contribuições da psicanálise para a avaliação psicopedagógica. In: OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádya A. (Orgs.). **Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. (Coleção Psicologia e psicanálise).

BARONE, Leda Maria Codeço. **De ler o desejo, ao desejo de ler**: uma leitura do olhar do psicopedagogo. Petrópolis: Vozes, 1993.

CASAROTTO, Oscar; LEITE, Márcio Peter de Souza. **O que é Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

D' ANDREA, Flavio Fortes. **Desenvolvimento da personalidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Bretano Brasil S. A., 1991.

DALTO, Françoise. **Psicanálise e Pediatria**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

FREUD, Sigmundo. A dissolução do Complexo de Édipo. In: **Obras Completas de Sigmundo Freud**. V. 1 – XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.

_____. A dissolução do Complexo de Édipo. In: *Obras Completas de Sigmundo Freud*. V. 19. (Trad. José Octavio de Aguiar Abreu). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

_____. A dissolução do Complexo de Édipo. In: **Obras Completas de Sigmundo Freud**. V. 21. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

_____. Feminilidade. In: **Obras Completas de Sigmundo Freud**. V. 22. (Trad. José Luiz Meurer). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

_____. Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras Completas de Sigmundo Freud**. V. VII – Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de Psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**. . (Trad. Pedro Tamen). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NAGERA, Humberto (Org.). **Conceitos psicanalíticos básicos da teoria da libido**. (Trad. Álvaro Cabral). São Paulo: Editora Cultrix, 1969.



NASIO, João David. **O prazer de ler Freud**. (Trad. Lucy Magalhães). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise** .(Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádia A. (Orgs.). **Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. (Coleção Psicologia e psicanálise).

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). **Psicologia & Educação**: revendo contribuições. São Paulo: Educ, 2000.

TELES, Maria Luiza S. **O que é Psicologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos).